



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

VANUBIA DUARTE DA SILVA

**A PARTILHA DO PODER E DO SABER ENTRE DEUSES E HOMENS NO
PROMETEU ACORRENTADO DE ÉSQUILO**

**CAJAZEIRAS-PB
2016**

VANUBIA DUARTE DA SILVA

**A PARTILHA DO PODER E DO SABER ENTRE DEUSES E HOMENS NO
PROMETEU ACORRENTADO DE ÉSQUILO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras - Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Letras – Língua Portuguesa.

Orientador: Prof.º Dr.º Elri Bandeira de Sousa

**CAJAZEIRAS-PB
2016**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096

Cajazeiras - Paraíba

S586p Silva, Vanúbia Duarte da

A partilha do poder e do saber entre deuses e homens no Prometeu Acorrentado de Ésquilo / Vanúbia Duarte da Silva. - Cajazeiras, 2016.

45f.

Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa.

Monografia (Licenciatura em Letras) UFCG/CFP, 2016.

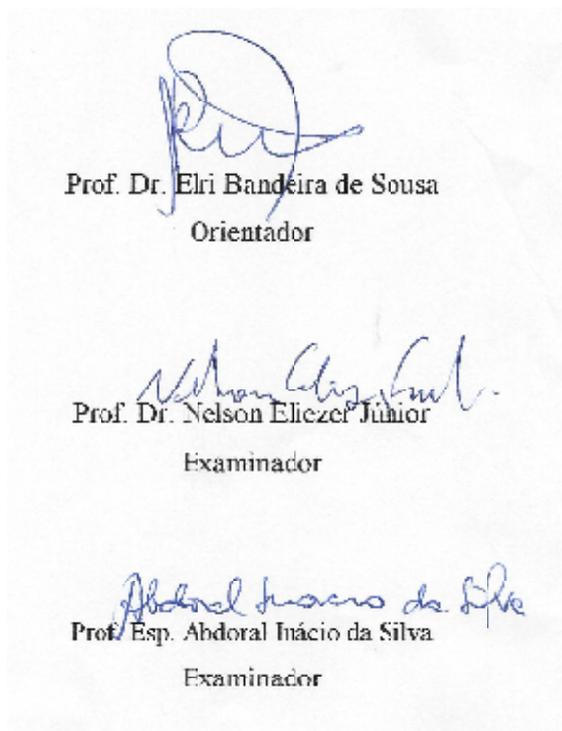
VANUBIA DUARTE DA SILVA

**A PARTILHA DO PODER E DO SABER ENTRE DEUSES E HOMENS NO
PROMETEU ACORRENTADO DE ÉSQUILO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras-Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Letras – Língua Portuguesa.

Aprovado em: 31/05/2016

Banca Examinadora:



Dedico este trabalho primeiramente a Deus, que é a razão de tudo e a força diária para que eu possa continuar meus estudos e enfrentar os desafios que sempre aparecem. Segundo, aos meus pais e amigos, apoios necessários nessa etapa fundamental da minha carreira acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço àquele, que todos os dias me dá a graça de lutar pelos meus objetivos com determinação naquilo que almejo, naquilo que busco para minha vida. A Deus, minha essência de vida, a quem eu devo meu existir.

Aos meus pais, pelo dom da vida que me deram, pela paciência nesse período bastante complicado em que precisei de apoio e da presença deles.

Aos meus amigos, pela paciência de ser o socorro quando solicitei e pelo encorajamento nos momentos que queria desistir, nos momentos que queria fraquejar. Enfim, por me fazer acreditar que poderia ser capaz de conseguir atingir meus objetivos.

Aos Professores que estiveram sempre ao dispor diante das dúvidas, das dificuldades com os trabalhos acadêmicos e por colaborarem de maneira positiva no meu desempenho e formação para os desafios da vida profissional.

Ao meu orientador, que tanto estimo, pela sua competência grandiosa ao me instruir no trabalho; pela paciência de me corrigir, com a esperança que eu possa fazer melhor; por acreditar que eu seja capaz, diante dos desafios que é a conclusão de um trabalho desse porte.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é refletir sobre a obra do dramaturgo Ésquilo, uma tragédia grega intitulada “Prometeu Acorrentado”, buscando fazer uma análise das relações entre os elementos de poder e de saber presentes na atuação dos deuses e dos homens. A obra composta por diálogos envolvendo os personagens em um enredo cheio de drama e imaginação leva o leitor a compreender sobre a atuação dos deuses em dois importantes desejos do homem, que seriam o poder e o saber. Na narração, Zeus, o maior dos deuses, decide acorrentar um ex-aliado: Prometeu acusado de muitos crimes, um deles fora roubar dos deuses e dar ao homem o fogo, através de um gesto de amor às criaturas, conseguindo salvá-las da destruição, permitindo, assim, o início da civilização, da construção do saber. Como insiste em não revelar um grande segredo que ameaça o poder de Zeus, Prometeu é condenado a um castigo muito mais severo. Este estudo foi realizado por meio de pesquisas bibliográficas e comparação entre o *corpus* e demais textos que tratam do mito de Prometeu, tais como manuais sobre mitologia, dicionários e obras literárias. As principais fontes de referência para a pesquisa e desenvolvimento deste trabalho são as abordagens de Vermant (2000), Aristóteles (1997), Jacger (2008) e Lesky (1976). Das análises, concluiu-se, preliminarmente, que os deuses têm uma influência importante no progresso da humanidade, que se projeta na capacidade de os homens “pensar antes de fazer”, o que é primordial para a construção do saber.

Palavras-chave: Prometeu. Saber. Ésquilo.Mito. Poder.

ABSTRACT

This study analyzed the work of Aeschylus playwright, a Greek tragedy entitled "Prometheus Bound." Seeking to analyze the relationship between power and knowledge on promises tragedy Chained. Work to be done through literature searches and comparison between the corpus and other texts that deal with the myth of Prometheus, such as manuals on mythology, dictionaries and literary works. The work consists of dialogues involving the characters in a story full of drama and imagination leads the reader to understand about the role of the gods in two important desires of man, which would be the power and knowledge. In the story, Zeus, the greatest of the gods, decides to chain a former ally: Prometheus accused of many crimes, one of them was stealing from the gods and giving man fire. However, Prometheus keeps a big secret that threatens the power of Zeus. As insists not reveal, is sentenced to a more severe punishment. Continuing his story, Prometheus says, for love ace creatures, managed to save them from destruction and gave them the fire for him stolen from the sky, allowing the dawn of civilization, the construction of knowledge. The research of this work is foundation Vermant (2000), Aristotle (1997), Jacger (2008). Concludes up, preliminarily, that the gods have an important influence on the progress of humanity that was due the ability of men "think before you do." What is essential for the construction of knowledge.

Keywords: to know-myth-power Prometeu.Èsquilo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 OS MITOS E A TRAGÉDIA GREGA: ORIGEM E DESENVOLVIMENTO	11
3 A TRAGÉDIA DE ÉSQUILO.....	16
3.1 Apresentação do autor	16
3.2 Características Gerais do Drama de Ésquilo.....	19
4 O MITO DE PROMETEU E O PROMETEU DE ÉSQUILO	21
4.1 As diferentes versões do Mito.....	21
4.2 O Mito de Prometeu Acorrentado de Ésquilo	28
5 O PROTAGONISTA E AS RELAÇÕES DE PODER E SABER	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43

1 INTRODUÇÃO

A cultura clássica exerce grande fascínio sobre as pessoas pelo seu aspecto de mistério, fazendo-as desejosas de decifrá-la e seduzindo homens de qualquer época, porque todo e qualquer estudo sobre o assunto seduz e estimula (MAFRA, 2010).

Inicialmente, os romanos consideravam os gregos como sendo clássicos, mas com o passar do tempo, na Idade Média e no Renascimento, os romanos foram incluídos nos clássicos, sendo consagrados, porém os gregos foram considerados os arquitetos dessa cultura exuberante, merecendo ser conhecida (MAFRA, 2010).

O termo clássico deriva dos tempos primitivos em Roma, quando o seu significado político servia para se referir à primeira das cinco partes em que a população era dividida. Então, classe servia para dizer que alguém tinha prestígio, mais tarde para se referir ao agrupamento de alunos, selecionado por idade ou grau de desenvolvimento. A partir daí surge a noção de clássico para se referir a autores básicos, que por sua vez identifica-se com autores antigos. Depois, considera-se clássico o período da literatura grega que se inicia em Homero até 323 a.C e o período da literatura latina que coincide com a morte de Augusto, em 14 d.C. Desde então, clássico passou a significar excelência e modelo, alcançando os escritores da antiguidade greco-latina, aqueles “considerados modelares pelos intelectuais da Idade Média e do Renascimento” (MAFRA, 2010, p.17). Entretanto, no século XIX, “clássico, [...], perdeu o sentido de ‘excelência’ ou de ‘lido na escola’ e passou a designar determinada estética e determinada facção literária” (AGUIAR e SILVA apud MAFRA, 2010, P. 18).

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objeto de pesquisa o drama de Ésquilos, uma tragédia grega clássica, que trata de uma peça com gênero dramático, intitulado de *Prometeu Acorrentado*. Uma extraordinária peça pela excelência de sua poesia e todo o drama de um titã com sua ousada e valorosa coragem, postura heróica que tanto fortalece e dignifica a humanidade, sendo esse o conteúdo mítico dessa tragédia. Assim, o objetivo geral deste trabalho é analisar na obra de Ésquilo, as relações de poder e saber sobre as consequências provocadas pelo uso desses elementos, tendo como base a relação da figura dramática Prometeu com o roubo do fogo.

O interesse pela análise da obra citada surgiu após estudos dos clássicos da mitologia grega em sala de aula, dentre os quais, o mito de Prometeu Acorrentado, despertando, assim, o desejo de aprofundar o conhecimento sobre essa tragédia grega, que apresenta um universo fascinante e grande riqueza de conteúdo.

O trabalho é desenvolvido por meio de pesquisas bibliográficas, leitura e análise da obra, leitura de textos teóricos e outros materiais que tratam do mito de Prometeu, tais como manuais sobre mitologias, dicionários e obras literárias, tendo como fundamentação teórica, os estudos sobre a cultura grega de Vermant (2000), Aristóteles (1997), Jacger (2008) e Lesky (1976).

Sobre a estrutura, este trabalho é apresentado em quatro partes. O primeiro capítulo trata sobre Os mitos e a tragédia grega: Origens e desenvolvimento; como surgiram os mitos, suas principais transformações e influências no povo Grego; o processo de transição do mito para a tragédia grega e como foi o desenvolvimento. No segundo capítulo é apresentado o conjunto da obra do autor em questão, a estrutura da obra estudada, a apresentação dos personagens; e como a peça é dividida, através de diálogos entre os personagens, onde cada um interage com o Prometeu, que é o personagem principal e sua ação heróica que é o roubo do fogo divino. O terceiro capítulo apresenta o mito de Prometeu acorrentado em suas diferentes versões, apresentando os aspectos, as características dos personagens, e todo o enredo da história sob as perspectivas de outros autores. Por fim, o quarto capítulo consiste em fazer uma análise sobre o poder e o saber, dando ênfase a esses dois elementos principais na obra, como se relacionam na peça esquiliana e quais consequências trazem e se divergem nas ações de Prometeu.

2 OS MITOS E A TRAGÉDIA GREGA: ORIGEM E DESENVOLVIMENTO

Para Mafra (2010), o passar do tempo e as mudanças ocorridas na cultura fazem com que os mitos não sejam mais entendidos, despertando nas pessoas grande interesse pelo seu estudo. Contudo, os mitos existem, sendo necessário conhecê-los para se ter entendimento a respeito do assunto.

Para o autor:

O mito existe [...] como representação coletiva transmitida através de várias gerações e que propõe uma explicação de mundo. Cada povo vê o mundo de acordo com os instrumentos de sua cultura, donde decorre a existência possível de mitos diferentes e inúmeros sistemas mitológicos. Assim, fala-se em mitos surgidos no ‘antigamente’, mas também pode-se falar em mitos surgidos ‘atualmente’ ou ainda por surgir, visto que, sendo o mito palavra ‘revelada’, capaz de explicar a vida do homem, em cada momento da história poderá dar-se nova revelação (MAFRA, 2010, p. 33-34).

Sobre isso, vale ressaltar que a interpretação sobre o mito não é plena, porque se busca sempre o seu sentido através de um modelo perfeito, sendo também atemporal, ou seja, o mito não é afetado pelo passar dos tempos (MAFRA, 2010).

Ainda, sobre o conceito do que é mito, sob a perspectiva de Eliade, tem-se o seguinte:

O mito conta uma história sagrada; [...] relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do ‘princípio’. [...], o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie de vegetal, [...]. É sempre, portanto, a narrativa de uma criação: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a *ser* (ELIADE, 2006, p.11).

Tendo compreendido o conceito de mito a partir de algumas interpretações, faz-se necessário entender o que é mitologia, que pode ser compreendido como sendo o estudo dos mitos, ou seja, a soma de histórias criadas pelo povo, muitas vezes com emprego de seres sobrenaturais ou divindades boas e más, história dos deuses e heróis, para explicação de fatos que lhes interessem (SPALDING apud MAFRA 2010, p. 44).

Nesse sentido, a mitologia grega surgiu pelo fato de que o homem tinha necessidade de esclarecer a origem da vida e os problemas que acontecem em sua existência. Os gregos antigos tomavam a mitologia como uma espécie de religião. Em Atenas, no século V, a.C, os mitos faziam parte do cotidiano e era através destes que a experiência religiosa dos gregos se manifestava.

Sobre isso, Vernant em sua obra sobre Mito e Religião na Grécia Antiga, destaca:

O mito é mais explícito que o rito, mais didático, mais apto e inclinado a 'teorizar'. Dessa forma, traz em si o germe daquele 'saber' cuja herança a filosofia recolherá para fazer dele seu objeto próprio, transpondo-o para outro registro de língua e de pensamento: ela formulará seus enunciados utilizando vocabulário e conceitos desvinculados de qualquer referência aos deuses da religião comum (VERNANT, 1914, p.26).

Percebe-se que o autor acima tem o cuidado de mostrar como o mito se destaca entre outros elementos, assumindo uma função autônoma, com uma reserva de sabedoria. Por isso, é importante destacar que o conteúdo de uma tragédia é o mito.

Assim, nos meados do século VI a.C, ocorre a transição dos mitos, que bem no início eram somente representados pelos dionisíacos. Nesse período surge a necessidade de se encontrar novos assuntos e lendas que compusessem uma nova temática, devido ao número de narrativas de Dionísio ser reduzido, em crescente procura de tragédias, fazendo assim que apelassem para as lendas sobre heróis e deuses, gerando uma fusão de mitos divinos e heróicos.

De acordo com alguns dicionários, o termo tragédia pode se referir a uma peça de teatro em verso com aspecto de terror ou piedade e ainda para se referir a um texto dramático com a mesma inspiração para terror e piedade, com derramamento de sangue e final funesto, triste. Contudo, afirma Mafra (2010) que essa “visão é bastante superficial e se presta apenas a introduzir o estudante no mundo do trágico, de modo que ele possa ler e entender as peças clássicas que se enquadram em tal categoria” (p.68). Desta forma, o autor além de apresentar a tragédia do ponto de vista dos dicionaristas, quer apresentá-la “como um fenômeno vital [...], que interfere na própria vida do homem, quase como um conflito do ‘ser ou não ser’, que determina a própria tragicidade humana” (p.68).

Um aspecto marcante da tragédia é o fato de o herói agir em função do destino, com aventuras e desventuras, mas nunca infligindo às leis divinas para não ser causa de culpa às gerações seguintes. Vale, ainda, ressaltar que a essência de uma tragédia é o destino implacável que determina as ações, de forma que a maldição e a consequência da maldição implicariam o aniquilamento de tudo aquilo que está relacionado ao herói. Sobre isso, os estudos apontam que no governo de Pisístrato (528/527 a.C), foi representada pela primeira vez uma tragédia, patrocinada pelo estado, tendo como autor, Téspis, naquela ocasião.

Frínico, importante estudioso do século VI, a.C., acrescentou inovações à tragédia, quando destaca três elementos essenciais, de forma que dividiu o coro em dois grupos. Assim,

o ator passa a ter dois auditórios. Inseriu a personagem feminina e fixou previamente as entradas e saídas dos atores.

O principal destaque na Tragédia foi Ésquilo, que recebe o título de pai da tragédia, compondo a tríade dos mais expoentes da tragédia grega: Ésquilo e Sófocles, que teve sua maior inovação na criação do tritagonista. O terceiro autor foi Eurípedes, que deu sua contribuição no nível de conteúdo.

Ésquilo foi, na verdade, o primeiro trágico do século V a.C., que tem importantes contribuições para a tragédia. Ele criou o segundo autor chamado deuteragonista. Também introduziu o diálogo, que passou a acontecer entre o coro e o corifeu, ou mesmo entre o coro e o protagonista. Enfeitou também os movimentos do coro, acrescentou o uso de máscaras significativas, tornando-as mais lúdicas, dando destaque aos personagens. Outra contribuição que veio de excelência foi à decoração do palco com cenários, quando usava o silêncio para provocar um efeito dramático.

O que pode ser enfatizado como fonte segura para se conhecer a gênese da tragédia, seria a Poética de Aristóteles, pelo fato de o filósofo citado ter vivido e construído sua obra em um período muito próximo ao do florescimento da tragédia, de maneira que a mais antiga significação de tragédia é o que o filósofo Aristóteles estabeleceu na Poética:

É, pois, a tragédia imitação de uma ação séria e completa, dotada de extensão, e, linguagem condimentada para cada uma das partes (imitação que se efetua) por meio de atores e não mediante narrativa e que opera, graças ao terror e à piedade, a purificação de tais emoções (ARISTÓTELES, 1992, p.12).

Fica claro nesse fragmento, que para os gregos clássicos, uma peça trágica não tem a finalidade de imitar pessoas, o essencial em uma tragédia é a ação que os personagens desenvolvem. Sendo ela uma série, tem em vista a atenção e reflexão do espectador, e como um final trágico, sendo a característica da tragédia, sem final feliz para o herói.

Para o autor, as tragédias que apresentam um final infeliz são classificadas como as mais belas, considerando que o final trágico nunca será algo explicado racionalmente. Nela, o herói sempre assumirá a sua culpa e ele é o responsável por suas ações.

A extensão que o filósofo cita no trecho faz referência ao total do tempo que a ação devia durar. E quando destaca que a linguagem deve ser condimentada, é porque que deve ser diferente da peça teatral cômica. Já os atores são elementos importantes para a cultura dos gregos e que os personagens não são inventados, mas fazem parte do mito e todo público que

assiste os conhece. Segundo o pensamento de Aristóteles, uma tragédia de qualidade é capaz de despertar no espectador terror e piedade no final da imitação da ação.

Mas, antes de assumir essa forma, a tragédia percorreu um longo caminho. Sua origem está atrelada a uma lenda segundo a qual, em Icário, burgo da Ática, o deus Dionísio teria ensinado a plantação da vinha. Aconteceu que um bode veio e devorou as videiras, sendo castigado pelos homens, que com isso arrancaram a pele e sobre ela dançaram e beberam, até caírem desvanecidos. E aqueles que eram mais fortes e permaneceram cantando e dançando até amanhecer, atribuíram-se como prêmio à carne do bode e sua pele embebida em vinho. Segundo ateneu século III a.C, esse foi o início dos rituais dionisíaco, que vieram a dar origem à tragédia.

Os rituais calhavam com as colheitas e eram formados de danças, cantos e preces, nos quais participava toda a população da cidade. O momento de alto era o sacrifício do bode em um altar, que era precedido por um cortejo, em que nasceu o ditirambo (um canto feito de elementos melancólicos e exultantes, em que se narravam tantos os aspectos mais amargos, quanto os mais felizes da vida de Dionísio). Assim, a tragédia é uma ramificação do ditirambo.

No início, esse canto era improvisado pelo participante. No decorrer do tempo, incorporaram-se textos líricos em versos. No cortejo algumas pessoas disfarçadas de sátiros (divindades campestres, meio homem e meio bodes) formavam um coro e cantavam em um tom único, sem quaisquer embates vocais. Com o passar dos tempos, aos poucos esse coro foi se dividindo em duas seções: uma perguntava e a outra respondia, de forma alternativa, ordenando as perguntas e respostas das duas seções corais, surgindo o corifeu, que se realçava dos coreutas, por dançar e cantar com mais habilidade. Em seguida apareceu outro elemento, chamado de o exarconte, que respondia às perguntas dos próprios coreutas, separando-se do canto coletivo como uma unidade independente que, gradualmente, ganhou novos aspectos até incluir o da representação, o que nesse momento passou a se chamar de *hypokrités* (“aquele que finge”).

Com as suas ações, o ator provocava toda espécie de sentimento no público, produzindo o fenômeno da *catarse*, que seria a purificação das almas através da descarga emocional provocada pelo drama. A partir de todos esses elementos, a estrutura da tragédia já estava esboçada no século V a.C. Primeiramente, não se dividia em atos ou cenas, mas em diálogos e cantos: o prólogo precedia a entrada do coro e era seguido pelo parado (era entoado por orquestra e coro) e pelo primeiro episódio (apresentado pelo ator). Depois vinha uma

parte lírica que era entoada pelo coro; já o segundo episódio, realizado pela segunda parte lírica; o terceiro episódio e a parte final (êxodo), que era cantada pelo coro.

Outro fator muito importante em relação a gênese da tragédia é o fato de ser um tema discordante de seus aspectos originários, por conter vários elementos dionisíacos trazidos do ditirambo e satírico, apesar de que os estudiosos ao se referirem sobre o tema alegam não ter nada a ver com o Dionísio. O esclarecimento que Lesky (1995) encontra para a questão citada é que na época dos tiranos, havia um culto dedicado a Dionísio, considerado o deus dos camponeses, e que foi muito incentivado por aqueles governantes. Dessa forma, os governantes incentivavam a prática de homenagens aos heróis por meio de tragédias.

3 A TRAGÉDIA DE ÉSQUILO

3.1 Apresentação do autor

O Ésquilo foi um grande dramaturgo da Grécia antiga, conhecido como o criador da tragédia teatral clássica. Nasceu nas proximidades de Atenas, possivelmente em Elêusis, por volta de 525 a.C, filho de fazendeiros de uma rica família da nobreza ateniense. Cresceu em ambiente de mudanças políticas.

O autor pode presenciar os principais fatos da história ateniense: O fato do fim das tiranias, as reformas democráticas de Clístenes e as guerras Médicas. Acredita-se que lutou contra os persas nas batalhas de Maratonas (490 a.C) e Salamina (480 a.C). Ésquilo era homem quando o povo grego acreditava que a Ática estava sob proteção dos poderes dos deuses e acreditava que:

O que ameaçava a Grécia, no caso de uma submissão voluntária, não era uma cruel tirania, porque o regime persa em geral nunca exerceu contra os povos submetidos, nem era a destruição da vida econômica, já que precisamente esta não era das piores no grande império, mas tratava-se daquela liberdade que foi a única coisa que assegurou a vida espiritual dos gregos nas décadas seguintes (ROMILLY, 2008, p.26.).

Provavelmente começou a escrever com vinte e cinco anos, venceu por diversas vezes uma espécie de competição literária que se organizava em Atenas e sua primeira vitória ocorreu em 484 a.C, entre as duas guerras médicas, com obra de título desconhecido. Uma das obras de Ésquilo foi influenciada pela invasão persa na Grécia, durante sua vida e sua tragédia considerada a mais antiga, segundo pesquisadores, foi representada em 471 intitulada de *Os persas*. Devido a uma invasão da Grécia pelos perças em 480 a.C., teria sido inspirado a escrever tal peça, que continua sendo uma grande fonte de informação sobre o período da história grega, por ser uma peça de acentuado patriotismo.

A carreira de Ésquilo teria se desenvolvido entre 472 e 458, onde “Atenas ainda orgulhosa da sua glória recente e onde a evolução democrática começa a marcar-se pela conduta do jovem Péricles” (ROMILLY, 2008).

A obra descreve as conquistas dos atenienses na guerra de Salamina e estabelece um novo sucesso para o autor em outra das competições literárias de seu tempo. Nesse contexto de disputa em que viveu o autor, ressaltando que nesse período a Grécia cairia sob o domínio

da Pérsia, as batalhas em que participou acabaram marcando-o consideravelmente. Ao longo da escrita das obras, Ésquilo viu-se acusado de denunciar aspectos secretos, fato por ele remediado de acordo com sua inocência, que alguns distinguem um interesse pela religião, as leis, dentre outros. De um modo geral:

A tragédia esquiliana representará uma nova leitura do mito na nova concepção do mundo e do homem áticos, que a partir de Sólon se desenvolveram. Sólon vai demonstrar o valor da legislação para a formação do novo homem político, que como legislador encarnará a força educativa da lei (RAMOS, 2001, p.36).

Nesse período teve a ação de duas correntes: sendo uma inspirada na aristocracia, que na mitologia grega era conhecida eunomia (o do respeito à lei) de Sólon e a outra inspirada na democracia: isonomia (igualdade perante a lei). As duas influenciaram o autor e possivelmente suas obras.

Durante algum do tempo, em resposta a um convite de Hierão I, Ésquilo transferiu-se para a corte de Siracusa. Voltou a representar *Os persas* e concluindo mais uma composição, o conhecido drama as *Etnéias*, que celebrava a fundação da cidade de Etna. Voltando a Atenas, obteve uma nova conquista no ano de 467 a.C com a trilogia tebana. Essa obra era composta de *Láios* (laio), *Oidípous* (Édipo) e *Heptá epi Thebas* (467 a.C; Sete contra Tebas), sendo preservado apenas o último texto. Havia também uma muito conhecida, a *esfinge*, que é uma comédia que completa o conjunto, mas também se perdeu.

Segundo pesquisas, a única trilogia de Ésquilo que permaneceu completa foi Orésteia (58 a.C; Oréstia), sua obra-prima. Compõe-se de *Agamémnon* (Agammêmnon), *Choephoroi* (as coéforas) e *Eumenídes* (As Eumênides ou “as benevolentes”). Essas peças citadas são independentes, mas têm algo comum entre elas, que seriam o tema da culpa e a expiação. Agamêmnon faz a narração da morte do herói grego após seu retorno vencedor de Tróia, quando é assassinado pela esposa Clitemenestra e seu companheiro Egisto. Orestes, filho de Agamêmnon, prepara sua vingança, desfecho que é contado em *As coéforas*, que são as mulheres que cantam e levam oferendas à tumba de Agamêmnon. Orestes vai ser informado do crime pela sua irmã Electra, filha do rei e ambos matam a mãe Clitemnestra e o amante. A terceira peça, encerrando o ciclo, mostra a contrição de Orestes, perseguido pelas Erínias, deusa da vingança e do ódio. Mas, um tribunal (areópago), o grande tribunal de Atena, julga e absolve Orestes, fazendo com que as Erínias mudem por iniciativa da deusa Atena em Eumênides, deusa benévola que se destina a proteger os moradores da cidade. Sobre isso, o

escritor alemão J.W.Goethe registrou em 1821, que considerava Agamêmnon a obra-prima das obras-primas universal.

Ésquilo ainda escreveu em data desconhecida, a obra mitológica Prometeu Acorrentado, outra trilogia formada por *Prométhéus Desmotes* (Prometeu Acorrentado), Prometeu libertado e Prometeu portador do fogo. Neste livro adaptado para a prosa narrativa, apresentado pela primeira vez provavelmente em 465 a.C., o titã Prometeu rouba o fogo que era o tesouro dos deuses e dá aos homens, atitude que desagradou a Zeus, que se verteu em fúria, considerando a ação uma ofensa imperdoável. A peça Prometeu Acorrentado é a única das três tragédias que sobreviveu, obra esquiliana que constitui um belo canto à liberdade e aos dilemas da qualidade humana. O autor apresenta conflitos, lutas, problemas da sociedade grega do século VI, como bem destaca Sônia Barroco em seu Artigo:

Esse encaminhamento exige que a idealização artística seja percebida como vinculada com a dinâmica mais ampla da sociedade. Pensar a arte dessa forma implica em se questionar sobre quais problemas têm invadido a cabeça dos homens, independentemente dos seus ofícios (BARROCO,2010,p.34).

É importante notar que na peça o personagem Prometeu, apesar de todas as misérias, se nega a curvar-se diante dos deuses.

Durante algum tempo, o autor representou papéis importantes de suas peças e os pesquisadores de destaque de sua época já apontavam para a competência revelada nos textos de Ésquilo, sendo verificada em suas peças a criação de mais de mil palavras, o que muitos estudiosos classificavam como a formação de um léxico próprio destinado a suprir precisões do autor.

Ésquilo, aos quarenta anos de idade obteve a primeira de suas treze vitórias em concursos de tragédias. Escreveu cerca de noventa peças, mas que chegaram até hoje inteiras, somente sete, ficando das demais peças, apenas fragmentos. Das peças que ultimamente podem ser desfrutadas na íntegra são as seguintes: As suplicantes, Os persas, Os setes chefes contra Tebas, e a trilogia Oréstia, apresentada com profunda análise política e psicológica. O autor morreu no ano de 456 a.C. e a partir desse momento, durante décadas, as apresentações de suas tragédias foram custeadas pelo Estado.

3.2 Características Gerais do Drama de Ésquilo

Nas obras do autor é comum perceber as seguintes características, que são marcantes na dramaturgia esquiliana: Percebe-se nas obras uma tendência de escrever trilogias interligadas tematicamente, ou seja, Ésquilo adotava o formato sequencial de suas trilogias, de modo que o sentido pleno se concretizasse apenas com a última encenação, fazendo com que cada peça servisse como um capítulo de uma narrativa dramática contínua.

Frequentemente trata em suas obras, temas sobre humanos e terríficos, geralmente da mitologia, utilizando uma linguagem harmoniosa, fazendo uso de metáforas ousadas. As passagens líricas de suas peças também exercem um papel importante em sua obra, marca que deu destaque ao que de melhor se produziu na dramaturgia da antiguidade greco-romana, sendo pertinente destacar que na filosofia religiosa de Ésquilo há uma oscilação entre o terror cósmico e a consciência ética, e desse ambíguo nasce a sua força lírica.

Nos estudos que o autor Jacqueline Romilly fez sobre as obras de Ésquilo, o autor destaca algumas características dentre as quais: “No mundo de Ésquilo, os deuses estão por todo o lado. E a justiça divina, também ela, está por todo o lado. Isto não quer dizer que se tratava de um mundo em ordem. É um mundo que aspira a ordem, mas que se move no mistério e no medo” (ROMILLY, 2008, p.).

Nesse mesmo estudo, o autor declara que ninguém depois de Ésquilo conseguiu chegar ao seu nível, devido as características marcantes presentes em suas produções, que eram próprias dele, tornando suas obras inigualáveis.

Dentre outros aspectos essenciais das tragédias de Ésquilo, estão a *fatalidade*, atuando através da vontade divina e da paixão humana, provocadas pelo pecado e as maldições, o *ciúme dos deuses* provocado pela glória humana, a *intervenção* dos deuses em favor dos que lhes são devotados; e a *inferioridade*, que é representada na obra através do conflito do herói contra uma instância superior. Na sua produção, é através dos personagens que ele vai tratar dos destinos coletivos, mas em compensação valoriza o indivíduo. Outra marca própria do autor está evidente na afirmação de João Antonio:

Ésquilo seria, pois o grande primeiro momento da tragédia e nele haveria ainda um predomínio do sentimento religioso, sentimento este que teria sido progressivamente afastado pelos outros grandes trágicos que se seguiram; em Sófocles, o divino, mesmo presente, estaria um pouco mais distanciado, dando maior autonomia à ação humana (JOÃO ANTÔNIO, 1984, p.104).

O conteúdo da sua obra tem a marca da religião, pela qual as ações são marcadas pelo plano divino. Por isso, alguns autores desse mesmo período vão classificar as obras de Ésquilo como o drama das forças divinas. Outro aspecto bastante presente em sua obra, é mostrar que o ser humano só pode atingir a sua salvação através do sofrimento. São temas fundamentais de sua obra: a dor e o castigo, a força da culpa dos antepassados. A dor é mostrada como característica do homem e como a única porta que leva ao conhecimento. O tema central provavelmente seria o destino, a justiça e a tensão. O autor João Antonio confirma quando diz: “Há em Esquilo uma constante exigência de Justiça divina e uma fé imensa na sua realização. Isto parece corresponder à luta do povo ateniense pela justiça no plano humano, então em plena efervescência” (p.105).

Na trilogia intitulada de Oréstia, entendemos claramente os temas em que o autor frequentemente costuma mostrar em suas obras. Nessa obra, o poeta assenta de acordo o destino e a justiça divina. No Agamêmnon, o tema em destaque é o assassinio; nas Coéforas predomina a vingança; nas Eumênides, o julgamento e o perdão. É essa presença simultânea de aspectos que definem a ação trágica no drama esquiliano.

Devem-se a Ésquilo importantes inovações teatrais, como a variação das expressões das máscaras dos atores e a idealização do coturno, que era na verdade um calçado bastante alto, usado pelos intérpretes com a finalidade de impressionar o público, tornando a cena mais dinâmica. Também foi inspiração dele a criação do coro trágico e realçou o diálogo no convívio cênico dos personagens, colocando um segundo ator em cena. Foram esses elementos de Ésquilo que atribuíram grande força dramática à tragédia, como também no campo da representação, suas contribuições são valiosas, pois enriquecem suas obras, tornando-as de grande influência na cultura clássica. A partir do século XVIII, difundiu definitivamente na cultura ocidental, que reproduziu e restabeleceu o teatro da grande tragédia grega.

O conteúdo da obra de Ésquilo expressa a negação do conceito de culpa coletiva, como também significou a declaração aos direitos sobre a arbitrariedade, da dignidade e da autonomia do homem diante dos deuses e do destino, e da tragédia como representação do paradigma da condição humana.

Diante das experiências de lutas, rivalidades e necessidades que Ésquilo vivenciou nas batalhas das guerras de Atenas, ele não se ateu aos fatos ou acontecimentos, mas sim aos sentimentos e emoções nos conflitos vividos. Esses aspectos influenciaram bastante na composição de suas obras.

4 O MITO DE PROMETEU E O PROMETEU DE ÉSQUILO

4.1 As diferentes versões do Mito

O *Prometeu Acorrentado* é uma tragédia de grande valor histórico e mítico, não somente pela excelência de sua poesia, mas também por apresentar o drama de um titã com sua ousadia e valorosa coragem. Criador da raça humana e em prol dela, rouba o fogo para dar aos homens, sendo por esse ato castigado pelo tirano Zeus. Sua postura heróica lhe fortalece e lhe atribui o título daquele que mais amou os mortais e a humanidade, sendo esse o conteúdo mítico da tragédia. Para uma melhor explicação sobre essa questão, Pierre Grimal menciona o aspecto do titã de forma ampla e seus atos para com o tirano Zeus:

Prometeu é considerado como o criador dos primeiros homens, que moldou em barro. Mas esta lenda não figura na Teogonia, onde Prometeu é simplesmente o benfeitor da humanidade e não o seu criador. Foi por amor aos homens que Prometeu enganou Zeus. Primeiro em Mecone, durante um sacrifício solene, dividiu em duas partes um boi: pôs para um lado a carne, cobriu-os com gordura, tingindo-os. O deus optou pelo esqueleto coberto de banha e, quando descobriu que nesse quinhão só havia ossos, ficou revoltado contra Prometeu e contra os mortais, que a sua astúcia tinha favorecido. Para os punir, decidiu deixar de lhes enviar o fogo. Então, Prometeu auxiliou-os uma vez mais: roubou algumas sementes de fogo á roda do sol e levou-as para a terra, escondidas num caule de férula. Zeus puniu os mortais e o benfeitor (GRIMAL, 2000 p. 396-397).

Na citação acima, é mencionado o primeiro ato de Prometeu com o deus soberano, que ocasionou ódio para com aquele que era o Deus mais poderoso e não aceitava ser enganado por nenhum titã. Mesmo assim, Prometeu, em sua segunda ação, está mais audacioso e faz com que o deus Zeus, tomado de ira, lhe dê um castigo em consequência dos seus atos. Podemos perceber essa afirmação na fala de Junito Brandão:

Novamente o benfeitor dos homens entrou em ação: roubou uma centelha do fogo celeste, privilégio de Zeus, ocultou-a na haste de uma férula e a trouxe a terra, ‘reanimando’ os mortais. O Olímpico resolveu punir com mais vigor ainda a humanidade e seu protetor. Contra os homens imaginou perde-los para sempre por meio de uma mulher, a irresistível Pandora é contra o segundo a punição foi terrível. Consoante a Teogonia (v.521-534), Prometeu foi acorrentado com grilhões inextricáveis no meio de uma coluna e tinha o fígado roído durante o dia por uma águia, filha de Équidna e Tifão. Para desespero do ‘acorrentado’ o órgão se recompunha à noite. Zeus jurou pelas águas do rio Estige que jamais libertaria o primo daquela prisão fatal (BRANDÃO, 1991, p.329).

De acordo com o autor acima, é a partir desse momento que se inicia a problemática do mito de Prometeu: Como o senhor do mundo podia ser ludibriado daquele modo? Aconteceu que um grande boi fora preparado para a cerimônia. Prometeu foi encarregado de dividi-lo em duas partes, e Zeus de determinar a quem elas se destinariam, aos deuses ou a mortais, mas como Prometeu sabia o que Zeus tinha em mente, decidiu ludibriar o senhor dos deuses e dos homens. Cortou o boi, colocou todas as partes boas numa travessa grande e cobriu-as com a pele ensanguentada do animal. Em outra travessa, arrumou os ossos e os encobriu cuidadosamente com a gordura branca e brilhante, de modo que não pudessem ser vistos. Então prometeu apresentou as duas porções a Zeus, que viu as duas travessas e escolheu a que estaria sob a gordura branca e brilhante. Após ter decidido, ele afundou as mãos na primeira travessa, puxou a gordura para o lado e sentiu tanta raiva que mal pode se conter, pois percebera que foi enganado pelo titã. Provocado de ira, Zeus toma de volta a dádiva dos deuses que Prometeu oferecera aos homens, privando-os do calor da luz, levando de volta para o céu à dádiva do fogo, escondendo-a no alto do imponente Olimpo.

O fogo era um elemento muito precioso, era sagrado e só quem tinha esse bem eram os deuses. Por isso, Prometeu, ao dar o fogo aos homens, provoca uma grande revolução e ira, de tal maneira que o tirano Zeus ainda o advertiu de que seria cruel ao puni-lo. Mas Prometeu não cedia, nem mesmo diante do seu maior adversário e não houve poder no mundo capaz de impedi-lo de ajudar a raça humana. Nenhum deus amou tanto os homens quanto ele, dedicando sua vida a um objetivo sagrado: Ficar ao lado dos mortais e ajudá-los a viverem melhor. E, mesmo sendo capaz de prever que o futuro lhe será adverso, Prometeu caracteriza-se por sua índole audaciosa e heróica, que jamais renuncia a seus objetivos, um personagem que encarna a insubmissão e a rebeldia, marcas dos grandes revolucionários.

Então, dando continuidade aos fatos, no dia seguinte, pegou secretamente o fogo do Olimpo, encobriu no caule oco de férula e devolveu-o à humanidade. Daquele dia em diante, os homens sempre cozinham e comeram a carne de seus sacrifícios, oferecendo apenas a gordura e os ossos descarnados para os deuses em altares gloriosos. A atitude heróica de Prometeu gera para ele consequências dolorosas, tornando-o assim acorrentado e castigado por Zeus durante muito tempo em sua vida, mas ele aceita esse sacrifício em benefício da humanidade, porque o titã não queria que a raça humana fosse extinta. Por isso, o ato de roubar o fogo representava a salvação para os mortais.

A ira de Zeus não teve limites para com Prometeu, e é essa ação que ocasiona a tragédia grega e como toda tragédia, essa apresenta uma luta com o destino, em que o titã é submetido a um destino que foi causado por sua atitude de roubar o fogo, ação essa que

contrariou o deus soberano, que não admitiu ser enganado, sendo rigidamente punido em consequência de sua ação em favor dos humanos, como relata Hesíodo em *Teogonia*: “Não se pode furtar nem superar o espírito de Zeus/pois nem o filho de Jápeto o benéfico Prometeu/escapou-lhe à pesada cólera,/ mas sob coerção/ apesar de multissábio a grande cadeia o retém” (Hesíodo, 2003, v. 613-616).

É pertinente destacar que a tragédia *Prometeu* destina-se em grande parte à representação do fogo, que significa poder e conhecimento e tem consigo um papel crucial na obra, trazendo não somente benefícios, mas também malefícios aos humanos. Como Prometeu era um titã com grande estima à humanidade, Zeus o faz sofrer um castigo rigoroso pelos humanos, podendo-se perceber essa estima do titã pela humanidade na obra, no momento em que ele encara todo sofrimento, sem demonstrar arrependimento pelo seu ato.

As obras *Teogonia* e *Os trabalhos e Os dias* são duas obras de Hesíodo que narram o mito de Prometeu Acorrentado, proporcionando seu ponto de vista em relação ao mesmo. A *Teogonia* trata da história de Prometeu Acorrentado, expondo o mito de forma clara, mostrando como a tragédia veio a suceder. Então no início da obra, é apresentada a origem do Deus titânico, que “veio de Jápeto e que significa ‘aquele que é projetado’, que se uniu a ‘Clímene’ que é filha de Oceano e Tétis, que foi o pai de Atlas, Menécio, Epimeteu e também do filantropo Prometeu, cujo filho Deucalião há de ser o genitor da nova raça humana...” (BRANDÃO, 1991, p.16). A citação abaixo faz uma alusão à descendência de Jápeto e sua união com Clímene:

Ela gerou o filho Atlas de violento ânimo,/ pariu o glorioso Menécio e Prometeu/ astuto de iriado pensare o sem-acerto Epimeteu/ que foi um mal dês o começo aos homens come-pão,/ pois o primeiro aceitou de Zeus moldada a mulher/ virgem. Ao soberbo Menécio, Zeus logividente/ lançou-o Érebus abaixo golpeando com fumeo raio/ por sua estultícia e bravura bem armada./ Atlas sustém o amplo céu sob cruel coerção/ nos confins da terra ante as Hesperides cantoras./ de pé, com a cabeça e infatigáveis braços:/ este destino o sábio Zeus atribuiu-lhe./ E prendeu com infrágeis peias Prometeu astuciador./ cadeias dolorosas passadas ao meio duma coluna,/ e sobre ele incitou uma águia de longas asas,/ ela comia o fígado imortal, ele crescia a noite/ todo igual o comera de dia a ave de longas asas (HESÍODO, 2003 v. 509-525).

Nos versos de *Teogonia* é mostrada a astúcia de Prometeu para enganar Zeus e isso faz com que o deus soberano exclua o fogo dos mortais de maneira que se vingasse tanto do deus titânico como se vingasse também da raça humana, pois o ato de Prometeu foi uma forma de

diminuir a superioridade de Zeus, visto que tinha a submissão de todos os deuses. Ele representava a maior autoridade e isso se perde perante do ato do titã:

E colérico disse-lhe Zeus agrega-nuvens:/ ‘Filho de Jápeto, o mais hábil em seus desígnios,/ ó doce, ainda não esqueceste a dolosa arte!’./ Assim falou irado Zeus de imperecíveis desígnios,/ depois sempre deste ardil lembrado/ negou nos freixos a força do fogo infatigável/ aos homens mortais que sobre a terra habitam (HESÍODO, 2003, v.558-564).

Na passagem acima podemos perceber a importância do fogo para os deuses, e que é um elemento de grande poder e simbolismo na obra, bem que tanto Zeus preservava e que Prometeu rouba para presentear a raça humana. “... Porém o enganou o bravo filho de Jápeto: Furtou o brilho longevivo do infatigável fogo em oca férula; mordeu fundo o ânimo a Zeus tonitruo e enraivou seu coração ver entre homens o brilho longevivo do fogo [...]” (HESÍODO, 1995, v. 565-569).

Em resumo, na Teogonia, Hesíodo aborda o mito de Prometeu, proporcionando uma grande explicação do elemento que foi o maior causador da ira de Zeus: O fogo. E que por causa dele o benfeitor foi cruelmente castigado. Mas, tal ato veio tornar os humanos conhecedores e autônomos, visto que a raça ia ser extinta. Porém, a boa ação de Prometeu traz consequências não somente para ele, mas também para aquele que ele estimava. Ele foi castigado e também a raça humana, porque Zeus não deixou impune nenhuma das partes. O senhor do mundo quis punir a humanidade e, para tanto, arquitetou um plano secreto. Zeus ordena que Hefesto, o forjador dos deuses, criasse uma mulher de barro. Recomendou que a fizesse tão linda como uma deusa, que lhe desse voz, movimento e enchesse seus olhos com o encantamento divino. Hefesto executou as ordens de seu pai usando a terra, água e surpreendente habilidade. O senhor do mundo ficou maravilhado com o resultado do trabalho; era exatamente o que ele precisava.

Já a obra de Hesíodo, *Os trabalhos e os dias*, faz referência ao mito de Prometeu e Pandora, que ficou conhecida como “a detentora de todos os dons” e que foi criada com um único intuito que seria levar o mal à raça humana, pois ela, para Zeus, não poderia se favorecer do fogo furtado do céu:

Ordenou então ao ínclito Hefesto muito velozmente/ terra à água misturar e aí pôr humana voz e/ força, assemelhar de rosto às deusas imortais/ esta bela deleitável forma de virgem; e a Atena/ ensinar os trabalhos, o polidedáleo tecido tecer;/ e à áurea Afrodite à volta da cabeça verter graça,/ terrível desejo e preocupações devoradoras de membros./ Aí pôr espírito de cão e dissimulada conduta/ determinou a ele a Hermes mensageiro argifonte./ Assim disse e obedeceram a Zeus Cronida Rei./ Rápido o ínclito Coxo da terra plamou-a/ conforme recatada virgem, por desígnios do Crônida;/ Atena, deusa de glaucos olhos, cingiu-a e adornou-a;/ deusas graças e soberana persuasão em volta/ do pescoço puseram colares de ouro e a cabeça,/ com flores vernais, coroaram as bens comadas horas/ e Palas Atena ajustou-lhe a o corpo o adorno todo./ Então em seu peito, Hermes Mensageiro Argifonte/ mentiras, sedutoras palavras e dissimulada conduta/ forjou, por desígnios do baritonante Zeus. Fala/ o arauto dos deuses aí pôs e a esta mulher chamou,/ Pandora, porque todos os que têm Olímpia morada/ deram-lhe um dom, um mal aos homens que comem pão (HESÍODO, 2003, v.60-82).

Dotada de tamanho encanto e beleza, Pandora poderia ter sido um esplêndido presente para a humanidade se Zeus não pretendesse que ela fosse, na verdade, o oposto. Deu instruções secretas ao deus Hermes, seu astucioso filho, para que ensinasse Pandora a falar com doçura e falsidade, dando-lhe um caráter dissimulado e traiçoeiro. Então, Zeus ordenou que Hermes a levasse como um presente para Epimeteu, este que foi:

Um dos quatro filhos de Jápeto e Clíneme ou Ásia, Epimeteu pertence, como seus três irmãos Atlas, Menécio e Prometeu, à raça dos titãs, os eternos inimigos de Zeus. Foi através de Epimeteu que o pai dos deuses e dos homens se vingou do filantropo Prometeu. Tendo, com sua astúcia, enganado o novo senhor do Olimpo por duas vezes, sempre em favor dos homens, Prometeu pediu ao irmão que não aceitasse presente algum enviado por Zeus. Aquele, no entanto, porque ‘pensava depois’, não resistiu a oferta de Pandora, trazida dos céus por Hermes, para perdição dos mortais (BRANDÃO, 1991, p. 343).

Epimeteu era irmão de Prometeu e vivia na terra com os mortais e é através dele que Zeus se vingou de Prometeu, pois sua ira era tamanha que não bastava acorrentá-lo, queria também uma forma de punir àqueles a quem o titã tanto amava. Infelizmente, os dois tinham poucas coisas em comum, contrastando por serem opostos. Segundo a etimologia dos nomes, Prometeu é “o que pensa antes” e “Epimeteu o que pensa depois”, tanto que só pensou no conselho do irmão depois de aceitar o presente dos deuses, que foi Pandora.

E quando terminou o íngreme invencível ardil,/ a Epimeteu o pai enviou o ínclito Argifonte/ veloz mensageiro dos deuses, o dom levando; Epimeteu/ não pensou no que Prometeu lhe dissera jamais dom/ do Olímpio Zeus aceitar, mas que logo o devolvesse/ para mal nenhum nascer aos homens mortais./ Depois de aceitar, sofrendo o mal, ele compreendeu (HESÍODO, 2006, v. 83-89).

Epimeteu era um titã de personalidade ingênua. Depois de aceitar o presente dos deuses é que ele compreende o porquê de seu irmão ter dado tal conselho. Mais uma vez ele tenta livrar a raça humana da ira de Zeus. Pandora pensando num certo vaso que tinha em casa, examinava-o com curiosidade até que um dia sua curiosidade a venceu: não conseguindo esperar que seu marido saísse de casa, correu até o vaso e o abriu. Contendo nele grandes males que lançados na humanidade, provocara grandes pesares: “[...]Antes vivia sobre a terra a grei dos humanos/ a recato dos males, dos difíceis trabalhos,/ das terríveis doenças que ao homem põe fim;/ mas a mulher, a grande tampa do jarro alçando,/ dispersou-os e para os homens tramou triste pesares” (HESÍODO, 2006, v. 90-95). Diante do acontecido Pandora foi aquela que causou degradação à humanidade e sofrimento à raça humana.

É importante ressaltar que o mito de Prometeu é uma tragédia que focaliza o ato heróico de um titã que fez tudo pela humanidade, se sacrificando por aqueles que ele tinha uma grande estima, a raça humana. Assim, ele é audacioso, pois passa por cima daquele que é o deus mais poderoso a quem deveria obediência, mas é fiel no seu objetivo de salvar os humanos. Jeager, na passagem abaixo, traz a narração do mito do Acorrentado, apresentando seu ponto de vista:

Prometeu é concebido como o principal conselheiro, caído em desgraça, do jovem tirano ciumento e desconfiado que lhe deve a consolidação do seu poder alcançado recentemente pela força e que com ele não o quer partilhar, porque Prometeu o quer aplicar a realização dos seus planos secretos de salvação da humanidade sofredora. Na figura de Prometeu misturam-se o político e o sofista, como o prova a repetida designação do herói por meio do ultimo termo, nessa época ainda honroso também (JEAGER, 1994 p. 298).

Na citação, o autor dá evidência à estrutura dos personagens na obra e como eles se relacionam na peça. Os personagens questionam o porquê de o titã ter escolhido o destino tão cruel que lhe foi dado, visto que ele tinha o dom de prever as coisas e saber do seu tamanho sofrer. Mas, ele não teme a crueldade de Zeus e nem se submete àquele, que segundo uma hierarquia era o pai de todos os deuses. A tragédia apresenta um herói capaz de aceitar uma punição dolorosa de Zeus pela humanidade, porque ele sabia que não escaparia do duro castigo do deus. Um destino terrível estava à sua espera. Seria preso com correntes

inquebráveis e sofreria torturas medonhas. Sérgio Vasconcelos descreve abaixo o mito, dando destaque a esse castigo árduo do benfeitor:

Dizia-se que Prometeu criara os primeiros homens a partir do barro. Desejando ajudar a essa humanidade primitiva, provocou por duas vezes a cólera de Zeus. Um dia, durante um sacrifício de um boi aos deuses, Prometeu cobriu com o couro a carne e as vísceras do animal; quanto aos ossos, passou neles uma espessa camada de gordura. Convidado a escolher a sua parte, Zeus, sem saber da trapaça, atraído pela gordura, acabou ficando com os ossos. É por isso que nos sacrifícios os gregos queimavam a gordura e os ossos para os deuses, mas a carne e as vísceras eram comidas pelos participantes da cerimônia. Ao descobrir que tinha sido enganado para favorecer os homens, o pai dos deuses resolveu vingar-se privando a humanidade do fogo. Novamente, porém, Prometeu interveio em socorro dos mortais, desta vez roubando para eles uma centelha do fogo divino. A cólera terrível de Zeus maquinou uma punição exemplar (VASCONCELOS, 1998, p 21).

O grande senhor dos deuses e dos homens ordenou que ele fosse preso a um rochedo, com correntes forjadas no céu por toda a eternidade e sobre ele uma águia enorme, com o bico e as garras que eram lançadas sobre o titã acorrentado. Enquanto a águia rasgava a carne e dilacerava o fígado de Prometeu, ele rangia os dentes de dor, mas sem emitir um só gemido. Mesmo depois de a ave ir embora, o titã continuou torturado o dia inteiro com a ferida aberta no corpo. Só quando chegou a noite é que o corte cicatrizou e o fígado se reconstruiu. A ciência confirma uma verdade contida no mito, pois a medicina comprovou que o fígado tem, de fato, a capacidade de se regenerar. Esse ato de regenerar não aliviava as dores do titã, mas servia para que o horrendo sofrimento recomeçasse no dia seguinte:

E sobre ele incitou uma águia de longas asas, ela comia o fígado imortal, ele crescia á noite todo igual o comera de dia a ave de longas asas. O filho de Alcmena de belos tornozelos valente Heracles matou-a, da maligna doença defendeu o filho de Jápeto e libertou-o dos tormentos, não discordando Zeus Olimpo o sublime soberano para que Heracles Tebano fosse a glória maior que antes sobre a terra multinutriz. Reverente ele honrou ao insigne filho, apesar da cólera pôs fim ao rancor que retinha de quem desafiou os desígnios do pujante Cronida (HESÍDO, 1995, v.521-534).

Dando continuidade ao mito, Heracles se compadece do titã, que sofria a mais horrenda das torturas e de maneira injusta foi punido. Não deixaria que aquilo continuasse e saltando do rochedo onde estava, correu para ajudá-lo. Quando se aproximou de Prometeu, não encontrou palavras para descrever sua compaixão. Não perdendo tempo pegou uma flecha da aljava que carregava nos ombros, retesou o arco com sua poderosa força e mirou, atingindo a ave, que despencou agitada e foi tragada para o fundo num piscar de olhos. O mito narra que

Heracles era o único herói que poderia arrebentar as correntes e assim o fez, pois Prometeu esperou por séculos e séculos. O poderoso herói levantou sua clava e começou a golpear as correntes com tal força que o rochedo inteiro tremeu e não demorou muito para que as correntes infrangíveis fossem despedaçadas e os pregos arrancados do peito de Prometeu, que caiu nos braços robustos do seu libertador. Os dois abraçaram-se em silenciosa alegria, enquanto as oceânides choravam de felicidade.

4.2 O Mito de Prometeu Acorrentado de Ésquilo

O *Prometeu Acorrentado* é a primeira tragédia de uma trilogia do teatro grego, da qual as outras partes se perderam, restando apenas fragmentos. O mito aparece pela primeira vez em Hesíodo tanto na *Teogonia*, como nos *Trabalhos e os Dias*. Trata-se de um titã, o Prometeu, filho de Jápeto e de Clímene que um dia ludibriou Zeus, e ele em castigo priva o homem do fogo, mas Prometeu consegue roubá-lo, servindo-se de nova cilada, gerando uma guerra. Então o deus, irritado acorrentou o titã.

Sobre a estrutura da obra, segundo Mário da Gama Kury, em *O melhor do teatro Grego*, a peça é dividida da seguinte maneira:

Prólogo (v.1-126)

Párodo (v. 127-192)

1º Episódio (v. 193-396)•

1º Estásimo (v. 397- 435)

2º Episódio (v. 436-525)•

2º Estásimo (v. 526-561)

3º Episódio (v. 562-886)•

3º Estásimo (v. 887-906)

Êxodo (v. 907-1093)

A peça é apresentada através de diálogos entre os personagens que aparecem na obra e nos três episódios, cada um com sua função, fazendo com que seja demonstrada a sequência da tragédia e o conflito que aparece várias vezes com o pai dos deuses e o protagonista da história; e dando ação e definição à peça para se compreender como acontece a tragédia de Ésquilo. Todos os personagens, num total de nove, são imortais, (exceto Io). Poder e força (divindades auxiliares de Zeus), Violência (personagem muda), Hefesto (deus do fogo), o coro das Oceanides (filhas de Oceano), Io (filha de Ínaco), Hermes (deus arauto dos deuses), Oceano (deus dos mares que circundam a terra) e Prometeu (filho de Jápeto e Clímene), o

último personagem, aquele que sofre as consequências de sua ação, portador do exemplo que deve inspirar os demais personagens ao longo do texto devido sua audaciosa ação.

O primeiro a iniciar o diálogo é o Poder, personagem que se mostra rígido e sem compaixão com o titã e para agradar a Zeus, apresenta-se inteiramente a favor dos seus planos de vingança. O Poder está acompanhado de Hefesto para que se cumpra a ordem do tirano Zeus, pois é através dele que se cumpre a punição de Zeus, pois ele tem essa postura na peça, por acreditar que Prometeu deve ser acorrentado por seu ato audacioso de beneficiar os homens com o fogo, esse bem que deveria pertencer somente aos deuses. Diante disso, o titã por sua desobediência, torna-se inimigo dos deuses. Podemos ver isso na tradução do autor abaixo:

PODER:

Ele roubou fogo, teu atributo,/ precioso fator das criações do gênio, para transmiti-lo aos mortais!/ Terá, pois, que expiar este crime perante os deuses,/ para que aprenda a respeitar a potestade de Zeus,/ e a renunciar o seu amor pela humanidade (ÉSQUILO, 2005, v. 6-11).

O Poder enfatiza o triste destino de Prometeu e o que ele teria que cumprir. Na apresentação desse diálogo aparece a Violência, personagem que ressalta o crime de Zeus, que é o ato de acorrentar Prometeu e permitir que passe por toda a aflição, mostrando cruelmente a violência presente na obra, sendo a marca dessa personagem na peça, unicamente a ação, visto que a mesma não tem fala. Em seguida, aparece o personagem de Hefesto, cujo significado de seu nome é “acender, pôr fogo em”. Coxo, mutilado com o relâmpago, precipitado como ele, do céu para a terra ou para a água, Hefesto seria “o fogo nascido das águas celestes” (BRANDÃO, 1991, p. 489). Diferente do Poder, Hefesto demonstra compaixão pelo titã não querendo realizar o ato de acorrentá-lo, por haver entre eles certo parentesco e acreditando que ele não mereça ser submetido a tal punição. Percebe-se, então, que nesse diálogo há dois personagens que agem com ações opostas, de um lado o Poder que age com rigidez e, de outro lado, Hefesto que age com compaixão diante do castigo imposto por Zeus. Essa afirmativa fica clara nos trechos abaixo:

HEFESTO:

Quanto a mim, sinto-me sem coragem para acorrentar/ pela força a um deus, meu parente, sobre esta penedia,/ exposto a fúria das tempestades!/ Vejo-me, no entanto, coagido a fazê-lo, pois seria perigoso esquecer as ordens de meu pai./ Preclaro filho da sabia Têmis, é bem contra minha vontade,/ e a tua, que te vou prender por indissolúveis cadeias,/ a este inóspito rochedo,/ de onde não ouvirás a voz, nem verás o semblante de um único mortal;/ e onde,

queimado lentamente pelos raios ofuscantes do sol,/ terás adusta a epiderme;/ onde a noite estrelada tardará a poupar-te-á luz/ intensa, assim como o sol tardará a poupar-te a luz intensa,/ assim como o sol tardará a secar o orvalho matinal./ Oprimir-te-á o peso de uma dor perene, pois ainda não nasceu,/ sequer, o teu libertador. Eis a consequência de tua dedicação pelos humanos;/ como deus, que tu és, fizeste aos mortais uma dádiva tal,/ que ultrapassou todas as prerrogativas possíveis./ Como castigo por essa temeridade, ficarás sobre essa rocha terrífica,/ em pé sem sono e sem repouso;/ de balde farás ouvir suspiros e clamores dolorosos; o coração de Zeus é inexorável [...] (ÉSQUILO, 2005 v. 14-34).

Como se vê na obra de Ésquilo, Hefesto é aquele que cumpre a ação de prender e acorrentar o titã; mesmo que não estivesse de acordo, não poderia contestar o senhor dos senhores, senão também seria punido, sendo o seu papel obedecer às ordens de Zeus. O personagem principal da trilogia é o Prometeu acorrentado, seu nome significa “previdente precavido”, donde “o que vê, percebe ou pensa antes”, filho de Urano e Gaia, personagem que tem uma capacidade grandiosa, mas se opõe aos planos de Zeus em relação à raça humana e recebe o nome de benfeitor da humanidade.

Ele transporta para os homens todo seu conhecimento, ensinando-os a domesticar animais, montar e atrelar os cavalos, que eram os primeiros veículos; ensinou a combater doenças por meio de fervuras de ervas, com os quais faziam remédios, também ensinou a interpretar oráculos, evitar infortúnios e superar dificuldades, proporcionando que novos horizontes se abrissem para a humanidade. O personagem mostra, em seus diálogos, que apesar da punição de Zeus, não estava arrependido de sua escolha pela raça humana e que em nenhum momento se opôs aos castigos de Zeus. O titã critica aqueles que por conta do poder lisonjeiam e submetem-se a tais ordens. Na citação abaixo Prometeu faz uma declaração sobre a sua angústia:

Logo que se instalou no trono de seu pai,/ distribuindo por todos os deuses honras e recompensas,/ ele tratou de fortificar seu império./ Quanto aos mortais,/ porém, não só lhes recusou qualquer de seus dons, mas pensou em aniquilá-los,/ criando em seu lugar uma raça nova./ Ninguém se opôs a tal projeto, exceto eu./ Eu, tão somente, impedi que, destruídos pelo raio, eles fossem povoar Hades./ Eis a causa dos rigores que me oprimem, deste suplício doloroso,/ cuja simples vista causa pavor./ Porque me apiedei dos mortais, ninguém tem pena de mim!/ No entanto, tratado sem piedade/eu sirvo de eterna censura a prepotência de Zeus (ÉSQUILO, 2005, v. 230-243).

Na citação acima, o personagem principal mostra como tem uma estima grandiosa pelos homens, que se compadece deles diante dos planos de Zeus, que é aniquilar a raça humana, o que ele não aceita, se submetendo a punição cruel de Zeus por amor aos mortais. O titã é conhecido como aquele que mais amou a humanidade, dedicando sua vida a cuidar dos

mortais. E em todos os diálogos, ele se mostra bastante consciente do sacrifício e das consequências que virão por motivo de sua desobediência a Zeus.

O coro das Oceanides, no sentido de personagens, surge em todo momento na peça; elas vêm trazidas por ventos com objetivo de questionar o titã. Segundo Jeager, o coro representa na obra de Ésquilo, uma forma de unir os diálogos da personagens aos demais da peça:

Assim, a tragédia do titânico criador de cultura inspira ao coro as seguintes palavras: Aprendi assim a conhecer teu destino aniquilador, ó Prometeu! Esta passagem tem a maior importância para a compreensão da ideia que Ésquilo tinha da ação da tragédia. O que o coro diz de si mesmo, o espectador o vive pela sua própria experiência, e é necessário que assim seja. Esta fusão do coro com os espectadores representa uma nova etapa no desenvolvimento da arte coral de Ésquilo [...]. Quando se fez de um homem individual o portador do destino, foi preciso mudar a função do coro, o qual se converteu gradualmente no ‘espectador ideal’, por mais que se tentasse participar da ação. Uma das raízes mais vigorosas da força educativa da tragédia grega consiste no coro que, com seus cantos de simpatia, objetiva na orquestra as experiências trágicas da ação. O coro de Prometeu é todo medo e compaixão, e encarna de tal modo a ação da tragédia, que Aristóteles não teria podido encontrar modelo melhor para sua definição desta ação [...]. Quando o coro de Prometeu diz que só pelo caminho da dor se chega ao mais elevado conhecimento, atingimos o fundamento originário da religião trágica de Ésquilo (JEAGER, 1994, p. 312-313).

No trecho acima é apresentada a função do coro na peça, que entra na obra de Prometeu para apresentar a ação da tragédia. No momento em que é mostrada a aflição ao titã em consequência de sua atitude, ele mostra sua firmeza e não teme a Zeus, não desiste de ajudar àqueles por quem tem muita afeição.

De acordo com o dicionário de Junito Brandão, o Oceano tem o seguinte significado: é um deus dos mares. “No mito grego é, pois, a personificação da água que rodeia o mundo. É representado como um rio, o Rio-Oceano, que corre em torno da esfera achatada da terra, como diz Ésquilo em Prometeu Acorrentado, 138-140: Oceano, cujo curso, sem jamais dormir gira ao redor da terra imensa” (BRANDÃO, 1991, p. 180).

O Oceano vem em busca de Prometeu com sentimentos de amizade, dando conselhos ao titã para que recupere a confiança de Zeus e peça-lhe perdão por ter contrariado o deus e dado o fogo aos homens. Sua audácia vai além do ato do roubo, visto que suas palavras também são ofensivas para com Zeus o que ainda aumenta mais sua ira. Oceano tem na peça uma postura de apaziguar, é o deus conciliador. Nos seus diálogos ele não se cansa de pedir

que Prometeu procure o soberano deus para que o alivie de sua punição e se redima diante Zeus. Assim, seu castigo será esquecido. Reforça isso a citação abaixo:

Eu o vejo, Prometeu [...] E, seja qual for tua sagacidade,/ eu te darei um conselho... concentra-te em ti mesmo;/ um novo senhor domina os deuses; convém que tomes,/ pois outros sentimentos... e te mantiveres nestes protestos injuriosos,/ do alto do Olimpo Zeus há-de te ouvir,/ e brevemente teus males, agravados,/ farão com que tenhas saudade da condição atual./ Abafa, ó infeliz, tua cólera impotente; procura alcançar o perdão.../ talvez este conselho te pareça de um velho;/ mas tu sabes que males pode atrair um discurso insolente./ Nada te pode humilhar, nada te pode abater.../ mas tu procuras redobrar teu sofrimento. Crê-me; curva-te sobre o jugo;/ pensa que, atualmente, reina um senhor severo e supremo!/ Vou procurá-lo e tentarei obter tua liberdade/. Modera-te, pois; não soltes tua língua irreverente!/ Esclarecido, como és, acaso ignoras que a punição/ é a consequência certa de tuas palavras imprudentes? (BRANDÃO, 2005, v. 309-331).

O pedido de Oceano não é aceito por Prometeu, até porque como ele tem o dom da previsão, do conhecimento antecipado, ele sabe que a procura por redenção a Zeus é inútil, pois essa aparente boa ação poderia se reverter contra Prometeu, significando discórdia entre eles. Oceano tem esse temor todo, visto que o personagem nunca se opôs às ordens de Zeus, querendo que o titã também assim o fizesse.

Io é a única personagem mortal na peça, é a que tem mais passagens na obra de Ésquilo e tem algo em comum com Prometeu, pois sofre de um castigo por também não aceitar as ordens de Zeus. Uma jovem personagem dotada de uma beleza extraordinária, pela qual Zeus se apaixona, da qual sua esposa com ciúmes, a obriga a sair pelo mundo como uma corrida que nunca acaba. Fez aparecer na testa da moça chifres; no traseiro, o rabo de bezerra; completou a simulação bovina com a esvoaçante participação da mosca-dos-estábulos que a picava de forma torturante sem parar. Brandão expõe sobre esse castigo de Io:

O amor de Zeus pela filha de Ínaco ou se deve pela beleza estonteante da jovem, ou a um filtro amoroso preparado por linx. Além do mais, contase que o deus se serviu dos préstimos de Oniro, que obrigou Io a dirigir-se a Lerna, onde se entregou a paixão incontida do esposo de Hera. A princesa relatara anteriormente o sonho ao pai. Este mandou consultar os Oráculos de Dodona e Delfos e as respostas foram idênticas: ou a jovem se submeteria ao furor eroticus de Zeus ou arderia com toda família, fulminadas pelos raios certos do deus [...]. Hera, porém, desconfiou demais esta aventura do marido. Este, agindo rápido, transformou a amante em novilha, para fazê-la escapar aos terríveis ciúmes da esposa e jurou-lhe que jamais tivera qualquer contato amoroso com semelhante animal. Desconfiada, Hera exigiu que ‘a vaca Io’ lhe fosse entregue e de imediato a consagrou como sua sacerdotisa, colocando-a sob a severa vigilância de Argos de Cem-Olhos. Foi então que se iniciaram as grandes provações de

Io. Após percorrer todo o reino de Micenas e Eubéia, afinal o apaixonado Zeus, que continuou a unir-se a ela sob forma de touro, se apiedou da amante e ordenou a Hermes que a livrasse de Argos, que dormia, apagando cinquenta olhos, e a guardava com outros tantos. Hermes fez que se apagassem os cinquenta olhos vigilantes de Argos, adormecendo-os ao som da flauta mágica de Pã, ou lançando contra ele uma grande pedra ou ainda, a versão mais seguida, bateu levemente em Argos com o caduceu. Uma vez dominado por Hipmo, o obediente filho de Zeus cortou a cabeça dos Cem-Olhos. Para imortalizar seu vigilante, a deus tirou-lhe os cem olhos e colocou-os na cauda do pavão. A morte de Argos, todavia, não libertou a vaca Io, contra qual reiniciou sua caminhada errante pela Hélade inteira (BRANDÃO, 1991, p.610).

A peça de Ésquilo mostra esses dois personagens dialogando, expondo sobre seus sentimentos tão árdus. O titã que foi castigado por desafiar e contrariar Zeus e já Io seu sofrimento foi provocado por ser perseguida a mando da esposa do tirano. A peça mostra passagens de Prometeu fazendo a trajetória do sofrimento de Io e revelando-lhe como será sua libertação, que será através de sua própria descendência. Os dois personagens vivem um destino doloroso, visto que são condenados por Zeus.

Outro personagem da peça é Hermes, filho de Zeus e Maia, neto de Atlas, que dialoga com Prometeu como mensageiro de seu pai. Tem um temor muito grande por Zeus, sendo bastante submisso ao mesmo, e sabendo que o titã tem o dom da previsão, seus diálogos são de insistência e ameaças de um castigo maior caso não revele quem será aquele que vai tirar seu pai do trono, mas sem sucesso, pois Prometeu não dá nenhuma informação sobre tal segredo:

Que discurso arrogante e soberbo! E como fica bem ao ministro dos deuses! Novos senhores de um novo império, vós acreditais habitar palácios inacessíveis as desgraças... Pois bem! Por acaso não vi eu caírem do tiranos? Verei a queda do terceiro: será a mais rápida e a mais vergonhosa. Pensas porventura que me acovarde, e que me submeto a esses novos deuses? Longe disto estou, Hermes! Podes ir-te embora! Volta sem tardança ao lugar de onde vieste: nada mais saberás por mim (ÉSKUÍLO 2005, v. 953-963).

Como mostra a citação acima, mesmo sendo castigado cruelmente por Zeus, Prometeu não cede às ameaças de Hermes, não dando a informação que o mesmo queria. Prometeu com sua audácia de não revelar o segredo a Hermes, que representava também um inimigo, por ser submisso a seu pai, acaba causando um confronto ainda maior, pois isso significaria mais uma vez não obedecer a Zeus, reafirmando estar ao lado da raça humana.

Enfim, todos os personagens que foram apresentados na peça de Prometeu Acorrentado de Ésquilo, trazem uma riqueza de conhecimento que compõe toda a obra. O

objeto do fogo é o que provoca todo o sofrimento do personagem, que não rouba para si, mas para o benefício dos homens. Seu castigo não é somente pelo roubo, mas é também por sua audácia de não se submeter às ordens de Zeus. Alguns personagens agem com piedade do sofrer do titã, em contrapartida outro até apoiam tal castigo. O benfeitor da humanidade demonstrou sua firmeza em decidir salvar a raça humana de Zeus para que ela não fosse extinta. É através dos diálogos com os personagens que se percebe como o fogo era um elemento de tamanha importância para os deuses, sendo essa a causa de tamanho sofrimento, mas também prova que o titã presenteou o homem com o melhor dos presentes.

5 O PROTAGONISTA E AS RELAÇÕES DE PODER E SABER

O Prometeu é o protagonista na peça de Ésquilo, apresentado como um herói e que recebe o título de o benfeitor da humanidade, devido ao ato de roubar o fogo em prol de proteger a raça humana do tirano Zeus. O personagem na obra esquiliana recebe uma valorização grandiosa, visto que, mostra a excelência da transformação do ser humano em sua batalha contra os conflitos entre as adversidades. A lealdade do titã aos homens é bem provada desde início ao fim da obra, de forma que ele sabe o que vai acontecer, porque ele tem a competência da previsão e mesmo assim não se submete às presunções do divino Zeus. Sua atitude diante disso é permanecer sempre constante em sua insubordinação ao deus.

Na obra *Prometeu Acorrentado*, Ésquilo de maneira enriquecida vai destacar a ele o papel de um ser sujeito a um senhor, pois o autor descreveu o titã Prometeu, como divino, mas que é castigado como um servo de Zeus. Sendo assim nessa visão exerce um papel de servo e tirânico. Essa relação entre os dois mostra claramente uma escravidão vivida por Prometeu e uma servidão a Zeus. Mesmo ele sendo um servo de Zeus, ele não aceita os planos para com a raça humana, sendo essa a principal razão do titã ser perseguido por Zeus. Na citação abaixo ele responde a principal queixa alegado por Zeus para acorrentá-lo:

Depois de sentar-se no trono de seu pai Cronos, Zeus distribuiu aos deuses os diferentes privilégios e cuidou de definir as suas atribuições. Mas nem por um fugaz momento ele pensou nos mortais castigados pela desventuras. O seu desejo era extinguir a raça humana a fim de criar outra inteiramente nova. Somente eu, e mais ninguém, ousei opor-me a tal projeto impiedoso; apenas eu a defendi; liberei os indefesos da extinção total, pois consegui salvá-los de serem esmagados no profundo Hades. Por isso hoje suportando estas dores cruéis, dilacerantes até para quem se vê. Por ter me apiedado e estou sendo tratado de modo implacável, num espetáculo funesto até Zeus (ÉSQUILO, 2013, p.41).

O personagem de Zeus tem uma característica forte de inteligência que é marcada pela sua severa justiça. Contrapondo Prometeu que tem cálculo e uma astúcia admirável. Contudo percebe-se que o herói apresentado por Ésquilo tem um principal objetivo de auxiliar os seres humanos, na verdade o único a lembrar da raça humana que se contrapõe aos planos maléficis de Zeus. Um marca do personagem que é aplausível, é seu silêncio no início dos personagens da peça . Ésquilo constrói esse personagem com essa marca significativa que é uma forte caracterização do herói, pois durante a peça ele tem a postura de proteção e defende seu orgulho e sua tão sublime dignidade. Na peça, quando o titã entra em cena, é agrilhado

por Hefesto sob às ordens implacáveis de Poder, e nesse diálogo é perceptível a expressividade do silêncio de Prometeu e sua consciência diante do castigo que receberá de Zeus, como bem menciona em sua fala no trecho abaixo:

Mas, para quem não sente em sua própria carne todo este sofrimento, é fácil ponderar e censurar. Eu esperava tudo isso foi consciente, consciente sim, meu erro, não retiro a palavra. Por amor aos homens por querer ajudá-los, procurei, eu mesmo. Meus próprios males. Nunca, nunca imaginei, porém, que minhas provações implicariam em ressecar-me para sempre nestas rochas e que teria por destino ficar só neste cume deserto para todo o sempre. Sem lamentar demais minhas dores presentes, convido-vos a pisar neste chão de pedra para melhor ouvir os meus males futuros; assim sabereis tudo, do princípio ao fim. Cedei á minha súplica! Compadecei-vos de quem está sofrendo agora; a desventura não discrimina; segue seu percurso errático, pousando sobre uns e depois sobre outros (ÉSQUILO, 2013, p.43).

O Protagonista é fiel a si mesmo e arredio aos outros personagens que se submetem a vontade de Zeus e passa por todo sofrimento tudo pelos humanos. Na obra de Prometeu mostra um titã que tem apreço pela raça humana. E que de forma grandiosa presenteia os com o fogo, representando o conhecimento, o saber. Ele faz com que os mortais tenham a oportunidade de conhecer a luz divina e ter também um progresso, visto que os humanos antes de receber o fogo de Prometeu não tinham importância para Zeus, porque ele ao recriar o mundo não deixou espaço para os mortais, assim quis extinguir a raça humana. Diante disso Prometeu se compadece e rouba uma centelha de fogo divino, presenteando também com o saber. Para os mortais, o ato do titã trouxe melhorias, visto que viviam apenas com aquilo que a natureza lhe dava e com o fogo, os mortais tiveram que trabalhar para sobreviver. A ajuda de Prometeu à humanidade simboliza trazer saber aos homens, porque não só roubou o fogo e deu a eles, mas também os ensinou a trabalhar com o fogo, tendo os humanos em mãos, a chama acesa do fogo. Tornaram-se capazes de dominar a própria natureza e logo construíram seus primeiros fornos e começaram a fundir minérios; aprenderam a trabalhar com o bronze, prata e o ouro. Com o bronze, de que gostavam muito, faziam ferramentas, utensílios domésticos, armas e outras coisas de que necessitavam, como o uso da armadura desse metal. E a ajuda aos humanos não parou por aí, como bem ressalta Jeager sobre os benefícios que Prometeu trouxe aos humanos:

Ésquilo celebra apenas o herói pelos benefícios que trouxe a humanidade, ajudando-a no seu esforço para passar da noite ao dia por meio do progresso e da civilização (...). Prometeu separou-se dos titãs, seus irmãos, viu que a sua causa era desesperada, por só reconhecerem a força bruta, quando é apenas o engenho espiritual que governa o mundo (é assim que Prometeu

concebe a superioridade da nova ordem olímpica do mundo sobre os titãs precipitados no Tártaro). Continua, porém, a ser um titã, pelo seu desmedido amor, que pretende erguer violentamente a humanidade sofredora acima dos limites que lhe impôs o soberano do mundo, e pelo orgulhoso ímpeto da sua força criadora. Embora em plano superior, o seu espírito é mais titânico do que os dos toscos irmãos (JAEGER, 1994, p. 311).

A citação acima afirma como a ação do titã tem a simbologia do saber ofertado aos homens ao presenteá-los com o fogo, visto que trouxe benefícios à humanidade, de maneira que os homens ao possuírem a chama acesa do fogo divino, tornam-se seres capazes de dominar a natureza. Sendo eles senhores da natureza, podiam construir progressos mais avançadas, sendo capazes de ter um desenvolvimento maior, tornando-se assim seres mais autônomos, o que provoca sem sombra de dúvidas uma ira em Zeus, porque na verdade, Prometeu, ao roubar o fogo e dar aos homens, ele transfere o poder que havia nos deuses, fazendo essa transferência de forma audaciosa. Zeus, com sua arrogância, amaldiçoa Prometeu.

Em várias versões do mito do titã, ele recebe o título de o primeiro benfeitor da humanidade, ou aquele que mais amou a humanidade, isso pela sua benéfica ação de roubar o fogo e dar aos mortais. Essa ação não agrada a Zeus, porque a partir dessa mudança o que gera é a igualdade entre os homens. Sua ajuda abriu novos horizontes para a humanidade. Nos versos abaixo Prometeu confessa como sua ajuda foi benéfica para o homem:

O mais importante de tudo: Não existiriam remédios para os doentes, nem alimento adequados, nem os bálsamos, nem as poções para ingerir, e finalmente, por falta de medicamentos vinham a morte, até o dia em que mostrei às criaturas maneiras de fazer misturas salutares capazes de afastar inúmeras doenças. Também apresentei-lhes as diversas formas de arte hoje chamada de divinatória. Fui ainda o primeiro a distinguir os sonhos e depois de passada a noite e vindo o dia se realizavam, e lhes expliquei os sons repletos de presságios envoltos em trevas e a significação dos caminhos cruzados. Esclareci as muitas mensagens contidas nos vôo de aves de rapina, as favoráveis e as agourentas e os costumes delas todas, o ódio entre elas, sua afeições e suas aproximações no mesmo galho; interpretei também o aspecto das entranhas, os tons que elas devem ter para agradarem aos deuses a quem se costuma dedicá-las, a superfície cambiante da vesícula e do lóbulo hepático. Inda ensinei a queimar os membros das vítimas votivas envoltos em gorduras e às vezes as vértebras, para guiar os homens na arte sombria de todos os presságios, e esclareci os sinais emitidos pelas chamas lépidas, Até então cobertos pela obscuridade. Eis minha obra. Até os tesouros desconhecidos pelos homens cobre, ferro, além da prata e do ouro, quem lhes revelou antes de mim? Ninguém, eu sei perfeitamente, a menos que algum tolo queira gloriar-se. Para ser breve, digo-vos em conclusão: os homens devem-me todas as suas artes (ÉSQUILO, 2013, p.53).

O roubo do fogo mudou bastante a vida dos mortais, com se percebe na citação acima. Ele foi quem mais se importou em ajudar a humanidade, ensinando os homens a domesticar animais e graças a Prometeu, os homens cruzaram mares nos primeiros barcos. Como eles não tinham medicamentos para combater as doenças, o titã ensinou a combater as doenças por meio de fervuras de ervas, com os quais faziam remédios. Assim a morte tornou-se menos constante, visto que como não tinham medicamentos e nem sabiam como combater morriam bastante. Com sua sabedoria ensinou-os a interpretar oráculos e a superar dificuldades. O que é contundente na obra esquiliana é que a dádiva do fogo iluminou os pensamentos, aqueceu os corações e renovou os corpos. Diante do acontecido só existia uma diferença entre os deuses e os homens: aqueles eram mortais e viviam eternamente.

É importante ressaltar que diante das leituras da peça de Ésquilo, é compreensível que Prometeu teve a mais pura intenção de ajudar os mortais não tendo a intenção de trazer para si títulos ou glórias e que depois de sua tão heróica ação, o retorno para o titã é ser castigado. Ele é preso. Como se não bastasse tal crueldade ainda, é torturado por uma águia que durante o dia vem roer-lhe o fígado, mas este durante a noite, de maneira milagrosa se reconstituía. Conta outras tradições que no final do mito de Prometeu, ele é liberto pelo corajoso Hércules. Em contrapartida na tradução esquiliana, no final do mito, o personagem Prometeu entre relâmpagos e trovões, desaparece junto com as oceanides.

É importante enfatizar aqui a sabedoria que nosso personagem de destaque mantém diante dos acontecimentos na peça, diante de seus algozes, mostrando ao leitor seu orgulho, resistência e dignidade. Ele não somente traz sabedoria para os homens como também, com seus atos mostram sua excelência em viver uma sabedoria plena, pois tudo que o titã fez serve de ensinamento. Trata-se de personagem que traz a marca da criação como bem afirma Jeager em *Paidéia*:

O fogo, essa força divina, torna-se o símbolo sensível da cultura. Prometeu é o prometeu é o espírito criador da cultura, que penetra e conhece o mundo, que o põe a serviço da sua vontade por meio da organização das forças dele de acordo com seus fins pessoais, que lhe descobre os tesouros e assenta em bases seguras a vida débil e oscilante do homem (JEAGER, 1888, p.309).

A tragédia de Ésquilo representa a ressurreição do homem heróico dentro do espírito de liberdade que é dada aos homens por ação de Prometeu, pois agora os mortais não têm como fim a morte, os mortais têm agora a esperança infinita no futuro. É bom enfatizar que o processo dos acontecimentos na peça de Ésquilo tem um significado de tornar os homens equivalentes aos deuses, pois ele tira a sabedoria que era exclusiva dos deuses e permite que

os homens com toda a consequência que isso vai ter, tenham condições de compreender, de entender de julgar e de construir instituições. Essa afirmação é compreensível no desenrolar dos fatos que o titã transfere o poder dos deuses aos homens. Fazendo uma ressalva: Prometeu é castigado por dar aos homens uma racionalidade, porque agora os homens são elevados a uma situação de autonomia.

Ao longo da narrativa, Prometeu é aquele que tem muitos sentimentos pelo humanos, sendo umas das marcas do protagonista a sua fidelidade e honestidade, que o impossibilitam de curvar-se à vontade dos deuses poderosos. É bom destacar aqui que o titã é apresentado na peça como um personagem humano, assim é passível de erros justamente por fazer tudo para beneficiar os mortais. Em contrapartida os deuses não são passíveis de erros, pelo contrário, são dotados de doutrina e superioridade, sendo assim, não cometem atos errôneos. Outra marca do personagem é a busca do saber sobre novas bases, pois através da construção de uma nova humanidade, o titã deixa de ser guerreiro para ser o sábio, porque simboliza o eterno combate pela civilização e pela cultura, vistas de outra forma como a liberdade e o conhecimento. O conhecimento é a principal marca de Prometeu, isso é a causa que o faz receber acusações de ser um sofista. A citação da fala de Hermes na peça abaixo mostra essa afirmação:

HERMES:

Tu o maior sofista, o mais impertinente entre os impertinentes, o ofensor dos deuses, ladrão do fogo, escuta! Meu pai te dá ordens para dizer-me agora: que bodas são essas, transformadas por ti num medonho espantinho? Por que ele deverá ser precipitado da altura máxima de seu poder imenso até as últimas profundezas da terra? Não tentes recorrer a enigma desta vez! Chama cada uma das coisas por seu nome e não me imponhas uma segunda viagem! Não é esta maneira de agradar Zeus (ÉSQUILO, 2013, p.78).

O adjetivo de sofista é uma das qualidades que Prometeu recebe ao longo da tragédia, contrapondo-se à opressão de Zeus. Nos meados do séc. V, a .C, procedem vários sofistas que faz referência aos profissionais do saber e que responsáveis por ensinar aos jovens, sobretudo a arte das palavras. Então, na fala de Hermes, ele está denunciando o discurso de Prometeu, dizendo ser um artifício de retórica. Os sofistas questionavam o conhecimento tradicional, em virtude do avanço das novas artes, fato esse que menciona Prometeu como aquele que contribuiu para o progresso da humanidade.

Conforme ressalta Burkert “[...] Já bem antes da criação da teologia filosófica, a tragédia grega refletiu em termos os homens mortais poderiam conviver e dialogar com os

Deuses imortais, de modo a contornar os impasses e impossibilidades desse convívio e a preservar-se deles” (BURKERT, 1993).

Assim, o roubo do fogo foi o passo inicial para a libertação dos mortais. Percebe-se que os homens despertaram da submissão, da influência do destino que era traçado pelos deuses. Mas, agora, com o presente dado por Prometeu, tem o saber nas mãos. Então, a peça de Ésquilo traz um personagem com ricas características e com grandes ensinamentos, mostrando que o conhecimento é a razão da transformação do homem e também traz sofrimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa com a temática “A partilha do poder e do saber entre deuses e homens de Prometeu Acorrentado de Ésquilo” percorreu os aspectos históricos do mito, passando por teóricos, mitólogos e dicionários da mitologia grega, na busca de alcançar o objetivo de mostrar as relações de poder e saber dentro do mito esquiliano. É evidente a partilha do poder e do saber entre os deuses e os homens no decorrer dos fatos, pois é através do titã é que os homens têm posse do maior bem dos deuses, que é fogo. O poeta Ésquilo cria na sua peça um personagem dotado de sabedoria, com ricos ensinamentos, revelando caracteres históricos estimulando novas discussões: Como bem afirma Ramos na citação abaixo:

Os poetas trágicos, e dentre eles principalmente Ésquilo, representavam o cotidiano da sociedade ateniense no cenário dos palcos no sentido de mostrar os conflitos, angústias e medos que a sociedade masculina ateniense vivia mergulhada sem uma consciência clara e responsável (RAMOS, 2001, p26.).

Prometeu com sua ação de roubar o fogo divino proporcionou bem aos mortais e grandes males para si, pois os mortais viviam uma vida longe da civilização. Zeus para se vingar atribui castigos para ambos os lados.

Trata-se de uma tragédia muito importante para a Literatura Clássica. Ésquilo, considerado o pai do teatro grego, transcreve a tragédia e faz com que adentremos no universo grego para assim termos um conceito da significação de uma tragédia grega que neste tema foi remetida a de Prometeu Acorrentado. A peça de Ésquilo é a ressurreição do homem heróico dentro do espírito de liberdade.

Após a análise de toda obra, conseguimos ter uma posição em relação ao ato cometido por Prometeu. Conforme os estudos referentes à peça, concluímos que o titã foi um verdadeiro herói, pois impediu o aniquilamento da raça humana e ainda se submeteu aos cruéis sacrifícios de ser acorrentado e sofrer grandes castigos. Prometeu é considerado o benfeitor da humanidade que a presenteia com o saber, trazendo assim a luz da sabedoria que transforma a vida dos mortais.

Concluímos que Prometeu na obra de Ésquilo é aquele que partilha poder e saber à humanidade e só ele teve a audácia de ir contra a vontade do deus supremo, sem se importar com o que lhe poderia acontecer, apenas se importando em salvar a humanidade, ficando prestes a ser condenado e a não mais existir. Então, Zeus castigou Prometeu, mas não tirou

dele sua coragem e a sua consideração com os humanos. O benfeitor da humanidade demonstrou sua firmeza em decidir salvar a raça humana de Zeus para que ela não fosse extinta e dando algo que mudou totalmente a vida dos mortais, que foi o tão poderoso e transformador saber simbolizado no fogo.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES, **A Poética Clássica**, Horácio, Longino; Introdução por Roberto de Oliveira Brandão; Tradução direta do grego e do latim por Jaime Bruna. 12, Ed.-São Paulo: Cultrix 2005.
- BRANDÃO, Junito de S. **Dicionário mítico - etimológico**. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.
- BURKERT, Walter. **Religião Grega da época Clássica e Arcaica** (tradução de M. J. Simões Loureiro). Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- DABDAB TRABULSI, José Antônio **O drama de Ésquilo**. Ensaios de Literatura e Filosofia, Departamento de Letras Clássicas, Vol.4. Belo Horizonte, 1984.
- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. Trad. Póla Civelli. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- ÉSQUILOS. **Prometeu acorrentado**. Texto integral, tradução João Baptista de *Mello e Souza*, 3 ed.São Paulo:Editora Martin Claret Ltda.
- ÉSQUILO. **Prometeu Acorrentado**. Tradução de Mario da Gama Kury. 3ed.Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- HESÍODO. **Os trabalhos e os dias**. Tradução de Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo: Biblioteca Pólen, Iluminuras, 1991. **Teogonia**. Estudo e Tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Editora Pólen.
- LEITE. Lourenço. **Do Simbólico ao Racional: Ensaio Sobre a Gênese da Mitologia Grega**. BA .Salvador , Editora Egba, 2001
- LESKY, Albin. **Tragédia Grega**. Col. Debates, ed. Perspectiva, 2 ed., SP: 1976.
- JAEGER, Werner. **Paidéia** (1994). A formação do Homem Grego. Tradução Arthur M. Parreira. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora LTDA, 1994.
- MAFRA, Johnny José. **Cultura clássica grega e latina: Temas fundadores da literatura ocidental**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2010.
- RAMOS, Severina Oliveira. **Teatro e o feminino na Atenas Clássica**. Artigo na internet, Rio de Janeiro: 2001. Disponível em: <http://www.gaialhia.kit.net/artigos/severina2001.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2015.

ROMILLY, Jacqueline de. **A tragédia grega**. 2 ed. Lisboa: 2008.

STEPHANIDES, Menelaos: **Prometeu, Os Homens, e Outros Mitos**. Coleção Mitologia Helênica, São Paulo, Odysseus Editora Ltda.

VERMANT, Jean-Pierre. **Mito e religião na Grécia antiga** / Jean-Pierre Vemant; tradução Joana Angélica D' Avila Melo. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006.